



Breves considerações acerca do pensamento geográfico: elementos para análise

Najla Mehanna
Mormul*

Márcio Mendes Rocha**

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de apresentar um breve estudo sobre a história do pensamento geográfico, especialmente, apontar as principais características das fundamentais correntes de pensamento. Muito embora partimos do pressuposto que o conhecimento geográfico, não deva ser entendido de modo compartimentado, sabemos que a configuração das denominadas correntes de pensamento na Geografia, contribuem para compreendermos o desenvolvimento do conhecimento em cada contexto histórico, no quais as relações de produção e poder foram geridas. Para isso, foram sinalizadas as contribuições de alguns importantes intelectuais da Geografia no decorrer de sua trajetória. Buscamos entender o contexto histórico em que essas correntes foram concebidas, ou seja, o desenvolvimento do sistema econômico capitalista. Entendemos que este estudo possa ajudar-nos a compreender melhor a ciência geográfica, bem como seus desdobramentos enquanto ciência quanto como disciplina, potencializando a pesquisa, mas também o ensino desta área. Para isto, foi feito uso do método de investigação histórica para que possamos com isso dialogar com o passado e também com o presente dos estudos geográficos.

* Professora Adjunta da
Universidade Estadual do
Oeste do Paraná (UNIOESTE)
- Campus de Francisco Beltrão

** Professor Associado
da Universidade Estadual
de Maringá (UEM) - PR

Brief considerations on the geographic thought: elements for analysis

Abstract: This article shows a brief study on the history of geographic thought and point out mainly the fundamentals lines of thoughts. Although we assume the assumption that geographic knowledge should not be understood in a compartmentalized view, we know that the setting of lines of thoughts in Geography contributes to understanding the development of knowledge in each historical context, in which the relationship between production and power were managed. Thus, we pointed out the contributions of some relevant intellectuals in Geography during their careers. We attempt to understand the historical context in which these lines of thoughts were conceived, i.e. the development of the capitalist economic system. We recognized that our approach could help to better understand the geographic science, as well as its deployment as science and as discipline, reinforcing research, but also the education within this area. Then, we applied the historical investigation method to be able to discuss about the past and present of the geographic studies.

Palavras-chave:

Pensamento geográfico;
Correntes de pensamento;
Ciência geográfica.

Key-Words:

Geographic thought; Lines
of Thoughts; Geographic
science

Introdução

A preocupação do homem em conhecer o meio no qual desenvolve sua vida, é antiga, seja impulsionada por fins de sobrevivência, econômicos ou políticos ou até mesmo por curiosidade. Essa ambição está associada, especialmente, à necessidade de sobrevivência que se faz presente ao longo da história da humanidade.

A Geografia teve uma gênese grega, ou seja, a primeira civilização a produzir estudos geográficos, e uma segunda alemã. Da segunda gênese, resultou a institucionalização da Geografia como ciência, e isso não se deu por acaso na Alemanha. Algumas foram as condições que propiciaram o surgimento da Geografia moderna na Alemanha: primeiro, um território fragmentado em dezenas de pequenos reinos; segundo, o desejo de expansão imperialista, constitutivo do capitalismo.

As condições necessárias ao surgimento da geografia existem, mas não teriam determinado automaticamente a sua gênese não fosse à existência de um estímulo social mais direto presente na particularidade histórica da Alemanha e de certas características individuais relativas ao pensamento de alguns cientistas alemães. Somente a análise da especificidade do desenvolvimento do capitalismo e das ideias neste país é capaz de aprender as razões que levaram esta sociedade a valorizar a reflexão sobre o temário geográfico. É, portanto, em solo alemão que a geografia alcança sua forma de ciência moderna. O salto qualitativo se dá entre os alemães no momento em que as questões relativas ao desenvolvimento do capitalismo encontram-se já plenamente resolvidas na Inglaterra e em curso bastante adiantado na França, enquanto a Alemanha permanece ainda às voltas com o seu processo de unificação interna. Se para o capitalismo inglês e francês o papel da geografia é o de lhes viabilizar a expansão colonial, para o capitalismo alemão seu papel será o de dar respostas a questões ainda preliminares: a unidade alemã. O caráter tardio da penetração das relações capitalistas no país liga-se ao fato de ele ainda não ter se constituído como um Estado nacional. Ao desejo de unificação corresponde uma necessidade de expansão intrínseca ao próprio capitalismo, porque ele só poderá se constituir no interior da Alemanha na medida em que se expandir fora dela (MOREIRA, 1981, p.22).

A origem científica da Geografia se deu na Alemanha do século XIX, à luz dos trabalhos de Alexander Von Humboldt e Karl Ritter¹. Com a contribuição desses mestres, a Geografia se estabeleceu em bases científicas.

Apesar de Humboldt não ser geógrafo e tão pouco ter se preocupado em sistematizar seus conhecimentos geográficos, por meio de escolas, sua contribuição foi importante para a Geografia. Os alemães foram importantes para a consolidação da Geografia enquanto ciência, sobretudo, com a contribuição desses intelectuais a Geografia pôde se estabelecer sobre fundamentos científicos autênticos e deixar de ser uma simples descrição do planeta para se transformar em uma ciência² baseada na investigação das relações entre natureza e sociedade.

Humboldt, como naturalista e grande viajante, percorreu a Europa, a Rússia asiática, o México, a América Central, a Colômbia e a Venezuela, observando os grandes fenômenos físicos e biológicos; seus trabalhos são todos de natureza científica, sem qualquer finalidade pedagógica. Humboldt também foi animador das chamadas Sociedades de Geografia, que organizavam expedições e pesquisas em diversas partes do mundo, especialmente nas regiões dominadas pelos grandes impérios coloniais europeus. Foi assim que os ingleses, os franceses, os belgas e em seguida os alemães fizeram o levantamento de amplos territórios na Ásia e na África, e organizaram suas colônias (ANDRADE, 1992, p. 13).

Neste sentido, reforça Pereira (1992) que o desejo de expansão imperialista

1- Alexander Von Humboldt (1769 – 1859) de uma grande polivalência desenvolveu diversas áreas entre elas: a etnografia e a botânica, lançando em bases científicas a Geografia, Geologia, Climatologia entre outras. Apesar de ter pesquisado diversas coisas em seus mínimos detalhes, sempre o fez com uma visão geral e imparcial. Karl Ritter (1779 – 1859) com formação em ciências humanas, sendo filósofo e historiador, homem ligado às classes dominantes, um explorador, e grande leitor. Procurou explicar a evolução da humanidade ligando-a as relações entre o povo e o meio natural, fazendo, sobretudo a descrição da sociedade. Nasceu na Alemanha e foi professor de geografia na Universidade de Berlim. O seu grande mérito foi o de ter compreendido e teorizado corretamente os princípios básicos da geografia que Humboldt, aplicara pouco tempo antes, nomeadamente o Princípio da Causalidade (ou Interdependência) e Princípio da Geografia Geral (ou Comparada). Na sua primeira obra “Europa, Quadro Geográficos, Históricos e Estatísticos”, Ritter atribui, pela primeira vez, um importante papel à geografia humana, combatendo a então chamada “geografia pura” que se recusava a dar um lugar ao Homem. O seu principal objetivo era o de explicar as relações existentes entre o meio físico e a atividade humana. Desta sua pretensão em explicar os fatos humanos em função dos fenômenos físicos resultou o seu acentuado determinismo.

Geografia Ensino & Pesquisa, v. 17, n.3 p.64-78, set./dez. 2013

Mormul, N.M.; Rocha, M. M.

2- No entanto, uma ciência com princípios e fins influenciados pela sociedade burguesa capitalista. Dito em outras palavras a serviço do interesse burguês de sociedade e nação

alemão, apresentou-se como decisivo para a consolidação da nova ciência; o surgimento da Geografia articula-se, pois, com motivações de natureza política. A formação do Estado Nacional alemão precisava de estímulos, o que fez com que o discurso geográfico assumisse uma centralidade, consolidando o sentimento de pertencimento por meio da unidade territorial.

É importante lembrar que o aparecimento do saber institucionalizado da Geografia, data de pouco mais que um século que a época de seu nascimento, isto é, final do século XIX e começo do século XX, se vincula à vertente oposta àquela da escalada do capitalismo que corresponde à sua fase progressiva, o que vale dizer que sua origem é ideológica, no qual o saber só tem existência institucional enquanto instrumento de dominação de uma classe (LEONEL, 1985, p. 10).

A própria ciência geográfica constituiu-se porque havia necessidade, e uma necessidade histórica que contribuiu na para sua consolidação, assim, a Geografia se apresenta como uma possibilidade para um dado momento historicamente determinado. De acordo com Marx “os próprios problemas sociais só se apresentam quando as condições materiais para resolvê-lo existem ou estão em vias de resolvê-lo” (MARX apud IANNI, 1982, p.83). Necessidade, que está visível ao voltar a repensar brevemente à questão da Alemanha, ou seja, não se pode reduzir a constituição da ciência geográfica à Alemanha atrelando-a somente a questão da fragmentação territorial, uma vez que ao se discutir a problemática do espaço, discute-se também poder, não obstante para os alemães a questão do espaço era importante.

É importante salientar que a Alemanha não é o único país a enfrentar, no século XIX, a fragmentação do seu território. A Itália vivia a mesma situação, mas não é entre os italianos que a geografia vai despontar. O problema da unificação territorial por si só, portanto, não explica o aparecimento da geografia. Na Alemanha a unificação é pensada como modernização política e econômica, enquanto na Itália a modernização se faz mais pelo entendimento de que se moderniza primeiro a política; a modernização econômica é posterior. Para os alemães, política e econômica são inseparáveis. Eles sentem que a revolução Burguesa é necessária a modernização do país e, por esta razão, vêm a Revolução Francesa com certa simpatia. Os intelectuais alemães acompanharam o movimento social Frances com entusiasmo porque percebem que sob inspiração dele seria possível modernizar política e economicamente a Alemanha. Na Itália a revolução Francesa é acompanhada de outra forma. A reação é diferente. A Revolução Francesa e a própria França são vistas com certa animosidade. Esta reação contrária se deve à ocupação francesa do norte do país. A Revolução Francesa age sobre os outros países como um sinal para a possibilidade de realização da transição por várias vias: através da burguesia, do povo ou da aristocracia (PEREIRA, 1999, p. 114-115).

Parece, então, ser esta a razão da Geografia ter nascido, primeiramente, entre os alemães o que reforça a tese de Marx, e enfatizou Ratzel sobre a utilidade da ciência geográfica:

Geografia Ensino & Pesquisa, v. 17, n.3 p. 64-78, set./dez. 2013

Breves considerações acerca do pensamento geográfico: elementos para análise.

Todo aquele que atua sobre os povos deve sofrer também a ação destes povos. E estas reações começam já na própria preparação necessária a tal fim, já que para poder atuar sobre os povos é preciso antes conhecê-los. Necessita-se, ao menos aprender sua língua e com a língua seu modo de pensar; porém, além disso, é necessário adquirir o conhecimento da situação geográfica e do clima, dos costumes e dos usos de um povo com o qual se quer entrar em relação de intercâmbio. Já não estamos nos tempos nos quais o mercador comerciava através de um intérprete [...]. Sem se deixar desviar pelas teorias, os comerciantes alemães, há tempos, a realizar o que lhes ditava o bom senso: estudando os países, os povos, e aprendendo sua

língua (RATZEL, 1905, p.818).

Ratzel se tornou conhecido por dar maior ênfase ao homem na sua formulação de Geografia. Sua concepção geográfica correspondia aos anseios expansionistas da Alemanha, encarou o homem como uma espécie animal. Entre os princípios que formulou destaca-se a relação do homem com o meio natural, estudou também o Estado, em sua Geografia política. Sua argumentação em torno da complexidade do objeto da Geografia política, discutido do livro *Politische Geographie*, denota um extenso esforço em prol de exigências investigativas dos fatores políticos, econômicos e geográficos que envolvem o mencionado objeto.

A Geografia científica sofreu influência tantos dos alemães, como dos franceses, ou seja, essas diferentes escolas produziram conhecimentos importantes trabalhados pela Geografia.

Podemos considerar como precursores da geografia científica no Brasil, autores que publicaram, nas três primeiras décadas do século XX, livros especificamente de geografia ou livros de análise do meio ambiente e das paisagens de grande interesse. Dentre os precursores podemos destacar figuras como Raimundo Lopes, que escreveu um ensaio notável sobre o Maranhão, e depois um livro quase didático de Geografia Humana, que ele chamava como Ratzel, de Antropogeografia, baseado em curso que ministrou sobre a matéria no Museu Nacional. Também foi notável a contribuição dada por Agamenon Magalhães ao escrever, em 1921, a sua tese de candidato à Cátedra de Geografia Geral do Ginásio Pernambucano, sobre o Nordeste Brasileiro onde analisou a região a luz dos ensinamentos dos maiores geógrafos do seu tempo, sobretudo franceses. Nesta época já se tinham difundido no Brasil ideias de geógrafos franceses, como Elisée Reclus e Vidal de la Blache. Convém salientar que o barão do Rio Branco nos fins do século XIX, colaborou na Geografia Geral do mestre Frances Elisée Reclus como o tomo sobre o Brasil (ANDRADE, 1999, p.22-23).

É importante lembrar nesse contexto que a ciência geográfica fora ideologicamente influenciada pelos interesses da burguesia, isto é, na maior parte das vezes estavam voltadas a produzir espaços necessários à expansão do capitalismo e na a formação de cidadãos necessários as exigências do momento.

A transformação de súditos em cidadão, fundamental para a ruptura do modo de produção feudal e implantação do modo de produção capitalista, só pode ser alcançada através da educação. A escola surge, então, como um instrumento capaz de transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade, retirando os homens do estado de ignorância em que encontram e, ao mesmo tempo, inserindo-os na concepção burguesa que emerge na sociedade. Interessada em mudanças, a burguesia que inicialmente defende a igualdade e a liberdade como essenciais ao homem, ao se consolidar no poder, desloca os seus interesses de transformação para a perpetuação da sociedade. É neste contexto que a expansão do sistema de ensino passa a servir para assegurar a hegemonia burguesa reproduzindo as relações de classe existentes e garantindo, ao mesmo tempo, a expansão do capitalismo (BOURDIEU & PASSERON, 1975, p.185).

Por meio dos conhecimentos geográficos, o indivíduo poderia tornar-se consciente da existência do Estado, de sua dimensão de suas fronteiras, ou seja, que pertencia a um território, e era o responsável pela sua organização e administração, isto é, era um conhecimento de caráter eminentemente nacionalista-patriótico, porém, acrítico.

Mas, partindo da premissa que o objeto de estudo da Geografia é o espaço geográfico, e sendo esse produto da ação humana, onde se processa vários fenômenos, podemos concluir que todo estudo de caráter geográfico acaba por ser um estudo complexo e desafiador.

Assim, optamos em estudar o presente tema, através de uma leitura crítica e reflexiva,

para compreender os aspectos elementares que o compõe essa questão. Os elementos presentes em cada momento histórico nos permitem refletir a respeito das origens e finalidades de cada corrente de pensamento geográfico.

A Geografia se preocupa com a localização espacial, com a regionalização e com a distribuição das áreas, enfim com os aspectos humanos e físicos que compõem o espaço geográfico. Ela busca também responder a questão e a possibilidade de reconhecer uma região sobre a qual vive uma população, seu meio de vida, sua cultura e as relações que ocorrem entre os diferentes lugares.

Não há dúvidas que o desenvolvimento do pensamento geográfico ao longo da história sofreu intensas modificações. Desta forma, ao fazermos breves considerações sobre isso, temos o intuito de debater as principais correntes de pensamento da ciência geográfica, por acreditar que essa revisita contribui significativamente para as pesquisas, para o ensino de Geografia e também para um melhor entendimento desta ciência.

A Geografia e sua relação com Capitalismo

A história da ciência geográfica está associada as principais mudanças ocorridas no modo de produção econômico. Muitas das transformações que marcaram a Geografia acompanharam os desdobramentos do sistema capitalista. Acreditamos ser interessante elucidarmos algumas questões inerentes ao capitalismo para melhor entendermos o contexto da ciência geográfica.

Durante o capitalismo comercial, é importante salientar que apesar de Marx não trabalhar com o sistema capitalista, por “fases”, já que ele entendia, vivia e tentava explicar seu momento histórico, portanto século XIX. De modo comum e, inclusive didático, acabou-se por organizar o desenvolvimento do capitalismo por fases. Neste sentido, optamos por essa análise, por entendermos que facilita a compreensão. Assim, o capitalismo comercial é compreendido como a primeira fase do sistema capitalista, o período estendeu-se do século XVI ao XVIII. Inicia-se com as grandes navegações, fase em que a burguesia mercante começa a buscar riquezas em outras terras fora da Europa. Os comerciantes e a nobreza estavam à procura de ouro, prata, especiarias e matérias-primas não encontradas em solo europeu. Estes comerciantes, financiados por reis e nobres, ao chegarem à América, e impulsionaram um ciclo de exploração, cujo objetivo principal era o enriquecimento e o acúmulo de capital.

Nesse contexto, podemos identificar as seguintes características capitalistas: busca do lucro, uso (exploração) da força de trabalho, moeda substituindo o sistema de trocas, relações bancárias, fortalecimento do poder da burguesia e desigualdades sociais. Considerada uma das fases mais pujantes do sistema capitalista, pois a acumulação de capitais baseada na crescente circulação de mercadorias era bastante incisiva. Assim, artesãos, camponeses, escravos, entre outros se encarregaram, na Europa, Ásia e América, de produzir as mercadorias necessárias que serviriam para abastecer os mercados consumidores, além de contribuir para estimular a economia mercantil internacional.

A circulação de mercadorias proporcionou uma integração superficial das economias mercantilistas. Os investimentos no exterior, impulsionados pela Revolução Industrial do século XIX, deflagraram um segundo estágio do processo de mundialização. A condição prévia desse novo estágio foi à transformação dos sistemas de produção pela introdução do trabalho assalariado. Essa revolução na esfera da produção de mercadorias gerou vasta acumulação de riquezas (MAGNOLI, 1997, p. 18).

Diante disso, havia uma grande necessidade de se conhecer e conquistar mais mercados, especialmente, as jovens nações, que eram vistas como mercados em potencial. Nesse momento, a Geografia, assim como outras ciências, era de grande valia, por permitir uma

maior aproximação das grandes nações com as particularidades de cada lugar, e inclusive por meio do aprimoramento da Cartografia, incrementar a navegação. Os conhecimentos geográficos contribuíram muito para a concretização dos interesses da burguesia.

A Geografia física, um dos ramos de conhecimento da Geografia, possuía uma função bem específica, aqui vale ressaltar a dicotomia já existente no conhecimento geográfico resultante da compartimentação das ciências, extremamente influenciada pela matriz positivista. Desta forma, cabia a Geografia física descrever as diferentes áreas do globo terrestre, identificando as condições geológicas, geomorfológicas, vegetacionais e até climáticas da Terra. As cartas topográficas, os mapas e as plantas levaram a descobrir áreas até então desconhecidas. Com as grandes navegações, lançou-se mão de mapas náuticos, bem como de informações cartográficas valiosas, a Geografia juntamente com a Matemática foram responsáveis pelas viagens aos diferentes oceanos e mares, com a finalidade de se obter cada vez mais informações.

Para a Geografia humana competia abordar os aspectos referentes à ação do homem sobre o meio, ou seja, temas políticos, econômicos, demográficos e religiosos. Por conseguinte, obtinham-se amplas noções sobre as peculiaridades dos povos que ocupavam os mais diferentes lugares. Nesse sentido, a Geografia colaboraria ao oferecer um panorama da realidade de cada nação. Com Varenus no século XVII, Kant no XVIII, e Humboldt e Ritter³ já na primeira metade do XIX, a Geografia foi gradativamente configurando um conhecimento específico, porém, compartimentado.

Vale ressaltar, que os estudiosos a partir do século XVIII, procuravam decompor a ciência em vários ramos, mas o conhecimento não poderia ser compartimentado, ele é um só. A separação das ciências foi uma experiência de conjugar a imensidão deste saber com a competência de acumulação de conhecimentos pelo homem. No entanto, é importante salientar que essa experiência foi extremamente relevante, já que o positivismo fora incorporado de modo intenso pela burguesia. Intelectuais como Kant e Comte são lembrados pelas suas classificações científicas na qual as ciências humanas, inclusive, a Geografia foram acometidas por uma explicação meramente prática, empírica e descritiva, que perdurou por muitos anos.

Com o capitalismo industrial, fase denominada historicamente como capitalismo comercial correspondeu à segunda fase do sistema capitalista. No século XVIII, a Europa passava por muitas mudanças, especialmente no que se referia ao sistema de produção. A Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra, fortaleceu o sistema capitalista e solidificou suas raízes na Europa e em outras regiões do mundo. A Revolução Industrial modificou o sistema de produção, porque colocou a máquina para fazer o trabalho que antes era realizado pelos artesãos. O dono da fábrica conseguiu, desta forma, aumentar sua margem de lucro, visto que a produção acontecia com mais rapidez. Se, por um lado, esta mudança trouxe benefícios, por outro, a população perdeu muito. O desemprego, baixos salários, péssimas condições de trabalho, poluição do ar e rios e acidentes nas máquinas foram problemas enfrentados pelos trabalhadores desse período. O lucro ficava com o empresário que pagava um salário baixo pelo trabalho dos operários. As indústrias, utilizando máquinas a vapor, espalharam-se rapidamente pela Europa. O capitalismo ganhava, assim, um novo formato.

As relações econômicas entre as antigas colônias com suas respectivas metrópoles se estreitaram mais, obviamente, a relação de dependência econômica se fortaleceu e a desigualdade econômica e social se maximizou.

À medida que o sistema capitalista avançava, crescia a quantidade de capital acumulado, possibilitando igualmente a disponibilização desses para que fossem investidos nos mais distantes lugares do globo terrestre. Assim sendo, abriu-se caminho para uma integração muito mais profunda da economia internacional. O desenvolvimento dos transportes terrestres, ferroviários, oceânicos com os navios a vapor, os desenvolvimentos das comunicações com o telégrafo contribuíram, gradativamente, para aumentar os investimentos no exterior, que foram inicialmente liderados pela Inglaterra, seguida pela França, Alemanha, Holanda e pelos

3- A geografia de Ritter era um estudo dos lugares, uma busca da individualidade destes, esta proposta se assentava na arraigada perspectiva religiosa desse autor. Para ele, a ciência era uma forma de relação entre o homem e o criador, uma tentativa de aprimoramento das ações humanas, assim uma aproximação à divindade (MORAES, 2003, p. 53).

Geografia Ensino & Pesquisa, v. 17, n.3 p.64-78, set./dez. 2013

Mormul, N.M.; Rocha, M. M.

ISSN 2236-4994

Estados Unidos, países que eram tidos como exemplos a serem seguidos.

Esses investimentos internacionais representavam, no século XIX, a grande dependência que ligava os exportadores de produtos tropicais ou minérios aos mercados das potências industriais. O espaço geográfico dos países exportadores organizou-se em função das necessidades dos países importadores que eram em sua maioria composto pelos países ricos. As ferrovias paulistas, construídas para escoar a produção cafeeira, bem como a rede ferroviária argentina ou as estradas de ferro africanas ilustram esse padrão: orientadas para os portos marítimos, elas integraram o espaço produtivo interno ao mercado consumidor internacional (MAGNOLI, 1997).

No contexto das transformações universais da sociedade e de sua dinâmica espacial, inseriu-se o ensino de Geografia. A partir deste momento, percebe-se que a ciência geográfica se desenvolveu à medida que os acontecimentos do mundo moderno passavam a exigir um maior e melhor entendimento do espaço e das relações humanas neles travados.

A história da Geografia como disciplina escolar teve início no século XIX, introduzida nas escolas com o objetivo de contribuir para a formação dos cidadãos mediante a propagação do sistema de idéias do nacionalismo patriótico. Vlach (1990, p. 45) comenta o caráter ideológico da inclusão da geografia no currículo escolar:

Foi, indiscutivelmente, sua presença significativa nas escolas primárias e secundárias da Europa do século XIX que a institucionalizou como ciência, dado o caráter nacionalista de sua proposta pedagógica, em franca sintonia com os interesses políticos e econômicos dos vários Estados-nações. Em seu interior, havia premência de se situar cada cidadão como patriota, e o ensino de Geografia contribuiu decisivamente neste sentido, privilegiando a descrição do seu quadro natural. (VLACH, 1990, p.45)

A Geografia surgiu como disciplina acadêmica a partir de 1870, até então, e desde a Antiguidade, a Geografia compunha um saber totalizante, não desvinculada da Filosofia, das ciências da natureza e da Matemática. Com Varenius no século XVII, Kant no XVIII, e Humboldt apresentou um plano de organização da educação pública, que não chegou, no entanto, a ser aprovado. Tinha por fim a educação nacional no sentido de uma autêntica educação humana.

A escola devia representar a ideia harmônica e transmitir conhecimentos gerais. As escolas especiais deveriam seguir o plano geral. Ele considerava três graus na educação; a elementar, a secundária e a universitária. Em todas as cidades deveria haver escolas primárias e secundárias, unificadas de modo que todos os alunos tivessem que passar pelas primeiras e estas não degenerassem em escolas populares, no sentido pejorativo da palavra. Sua ideia da educação é a do neo-humanismo; o desenvolvimento harmônico de todas as capacidades do aluno, empregando, para isso, o menor número de matérias possível, mas cultivadas a precisão, a harmonia e a beleza das faculdades do estudante (LUZURIAGA, 1959, p. 77).

Na primeira metade do XIX, a Geografia foi gradativamente, configurando um conhecimento específico, sem perder a visão globalizante da realidade.

As últimas décadas do século XIX caracterizam-se por dois processos que são extremamente importantes para a história do homem e da geografia. De um lado, o capitalismo passa a apresentar uma progressiva concentração de capitais, gerando poderosas corporações monopolistas e uma nova expansão territorial. Inaugura-se a sua fase imperialista. O outro processo, que se vincula ao primeiro, é o da fragmentação do saber universal em várias disciplinas. Assim, criam-se departamentos de geografia nas universidades da Europa e, mais tarde, nas norte-americanas (CORRÊA, 1995, p. 8-9).

O século XIX representou um período categórico para a história do pensamento geográfico, a Geografia nesse período atingiu status científico, ao mesmo tempo em que era reconhecida como disciplina obrigatória nos programas de ensino primário e secundário. Esse reconhecimento decorreu de uma série de acontecimentos sociais, econômicos e políticos desencadeados ao longo dos séculos XVII, XVIII, XIX.

Escolas Nacionais e as Correntes de Pensamento Geográfico

A Geografia depois de ser institucionalizada proporcionou o surgimento das escolas nacionais e com elas, as denominadas correntes de pensamento. As formas pensadas à disciplina geográfica em cada momento histórico foram denominadas como paradigmas geográficos, nos quais se destacavam o determinismo, o possibilismo, o método regional, a nova Geografia e a Geografia crítica.

Vale salientar que cada um desses paradigmas refletiu a situação sócio-político-econômica da época em que se desenvolveram, sendo que, desde o surgimento da ciência geográfica, sempre houve uma ou duas correntes dominantes. Assim, todas as principais escolas nacionais também tiveram seus trabalhos norteados por uma ou duas das correntes de pensamento, sobretudo as pioneiras, como o determinismo, o possibilismo e o método regional.

A Geografia, quando estabelecida como disciplina acadêmica em meados do século XIX, teve o determinismo ambiental como o primeiro paradigma a caracterizá-la. Os teóricos deterministas afirmavam que as condições naturais, em especial as climáticas, eram decisivas para a evolução do homem que, por conseguinte, desenvolver-se-iam povos ou países que se encontravam em áreas climáticas mais favoráveis. Essa corrente de pensamento criava uma dependência muito grande do homem com a natureza e, assim, as ações humanas eram determinadas pelas condições físicas, como: relevo, clima, vegetação, solo, entre outras características de cada lugar.

Foi o determinismo ambiental o primeiro paradigma a caracterizar a Geografia que emerge no final do século XIX, com a passagem do capitalismo concorrencial para uma fase monopolista e imperialista. Seus defensores afirmam que as condições naturais, especialmente as climáticas, e dentro delas a variação da temperatura ao longo das estações do ano, determinava o comportamento do homem, interferindo na sua capacidade de progredir. Cresceriam aqueles países ou povos que estivessem localizados em áreas climáticas mais propícias (CORRÊA, 1995, p. 9).

A tese do determinismo ambiental era pautada nas teorias naturalistas de Lamarck e Darwin. Em 1809, o biólogo francês Jean Baptiste Lamarck propôs uma teoria para explicar de qual maneira os seres vivos evoluíam. Segundo Lamarck, uma grande alteração no meio ambiente provocaria em uma espécie uma necessidade de se modificar. Essa necessidade levaria à formação de novos hábitos. Essa ideia aliada à observação da natureza levou Lamarck a formular as duas leis básicas de sua teoria evolutiva. Lamarck baseou sua teoria em duas suposições: a lei do uso e desuso e a lei dos caracteres adquiridos.

Charles Robert Darwin (1809-1882) foi um naturalista britânico que alcançou fama ao convencer a comunidade científica da ocorrência da evolução e propor uma teoria para explicar como ela ocorria, ou seja, por meio da seleção natural e sexual. Esta teoria se desenvolveu e foi considerada o paradigma central para explicação de diversos fenômenos na Biologia. Darwin começou a se interessar por história natural na universidade enquanto ainda era estudante. Suas observações da natureza levaram-no ao estudo da diversificação das espécies

Geografia Ensino & Pesquisa, v. 17, n.3 p.64-78, set./dez. 2013

Mormul, N.M.; Rocha, M. M.

e, posteriormente, ao desenvolvimento da teoria da Seleção Natural. Consciente de que outros antes dele tinham sido severamente punidos por sugerir idéias como aquela, ele as confiou apenas a amigos próximos e continuou a sua pesquisa tentando antecipar possíveis objeções. Os estudos desses intelectuais contribuíram respectivamente com a defesa da hereditariedade dos caracteres adquiridos e da sobrevivência e a adaptação dos indivíduos mais bem dotados em face do meio natural. Estas teorias foram adotadas pelas ciências sociais, que viram nelas a possibilidade de explicar a sociedade por meio de mecanismos que ocorriam na natureza. Destacam-se, também, os estudos de Herbert Spencer, filósofo inglês do século XIX, grande defensor das ideias naturalistas nas ciências sociais.

Outro pensador de grande expressão dentro da Geografia foi Ratzel, que discutiu o determinismo geográfico como parâmetro para entender e habitar o espaço geográfico. Porém, a literatura nos mostra que Ratzel, foi denominado como determinista, mas que em suas obras predomina uma leitura totalizante da Geografia, inclusive com ênfase nos aspectos políticos.

Na Geografia, no entanto, as ideias deterministas tiveram no geógrafo alemão Ratzel seu grande organizador e divulgador, ainda que ele não tivesse sido o expoente máximo. A formação básica de Ratzel passou pela zoologia, geologia e anatomia comparada; foi aluno de Haeckel, o fundador da ecologia, que o introduziu no darwinismo (CORRÊA, 1995 p. 10).

Na Geografia, não só se convencionou a evocar Friedrich Ratzel como o precursor das ideias deterministas, mais ainda seu grande organizador e divulgador. Vale destacar, quenão se entende a obra de determinado autor se não se entender o contexto em que foi produzida. Dessa forma, as obras de Ratzel são reflexos de uma Alemanha recém-unificada vivendo a efervescência da revolução burguesa.

Ratzel, naturalista e etnógrafo alemão, viveu o momento histórico em que a Alemanha realizava a sua unidade, estando, em seu pensamento e em sua ideologia, bastante identificado com os anseios e as aspirações da burguesia alemã. Ele trouxe as reflexões a respeito do papel desempenhado pelo homem no território para o campo das divagações, escrevendo o seu famoso livro Antropogeografia em que defendeu a teoria da grande influencia do meio físico, da natureza, sobre o homem, a sua conduta e a sua estrutura social. Daí ser considerado em geral como o fundador da escola determinista alemã. Continuando os seus estudos, aprofundou as suas reflexões sobre o Estado e o seu relacionamento com o espaço, comparando estados continentais com marítimos e admitindo que a trajetória política de cada estado estivesse na dependência de sua posição geográfica. Partindo para as reflexões de ordem política, escreveu uma Geografia Política, sendo considerado como um dos precursores da chamada Geopolítica, fundada por Kjillen em 1911. Foi a partir de suas ideias que surgiu a chamada política do “espaço vital” e do direito de conquista dos territórios de povos mais fracos pelos povos fortes, teoria que serviu em grande parte de bandeira para a política do nazismo, na primeira metade do século XIX. Teve discípulos, não extremados como ele, em todo o mundo, entre os quais convém destacar Mackinder, na Inglaterra, o grande teórico da expansão colonial britânica, e, até certo ponto, geógrafos clássicos franceses como Jean Brunhes e Camilo Vallaux (ANDRADE, 1989, p.13-14).

A formação básica de Ratzel passou pela zoologia, geologia e anatomia comparada; foi aluno de Haeckel, o fundador da ecologia, que o introduziu no darwinismo. (CORRÊA, 1995 p. 10). Neste sentido, Carvalho adverte que:

Para Ratzel, a geografia era antes de tudo uma ecologia. Essa ecologia, cuja matriz inspiradora encontraremos em E. Haeckel se distingue, no entanto, e desde o início, da perspectiva biologista, ao direcionar os esforços de suas

preocupações no sentido da compreensão das dinâmicas humanas. Tais dinâmicas apresentam as particularidades de desfrutar certo grau de liberdade e também de ascendência sobre as demais. E isto, segundo Ratzel, deve ser realçado, sobretudo quando o que se pretende é a compreensão da evolução da fisionomia planetária. Em verdade, na história desta evolução, as plantas influenciam as plantas, os animais influenciam os animais, e estes aquelas e vice-versa; mas nenhum outro organismo exerceu uma influência tão ampla e extensa sobre os outros seres como fez o homem, transformando de maneira muito profunda a fisionomia da vida na Terra. Assim, a biogeografia de Ratzel se distingue da biologia pela mesma razão pela qual sua “ecologia humana”, se distinguirá da ecologia sugerida por Haeckel. Essa “ecologia ratzeliana” se recusa a desvincular a dinâmica que preside as particularidades da geografia dos homens dos outros universos de conexões que envolvem todas as formas de vida presentes no planeta (CARVALHO, 1999, p.5).

Como foi ressaltado, pode se compreender melhor a obra de Ratzel quando se considera o momento histórico em que viveu, numa Alemanha recém-unificada, enquanto a Inglaterra, a França e a Rússia e os Estados Unidos já haviam colonizado boa parte do mundo. Ratzel acreditava que a França e a Inglaterra tenderiam ao esfacelamento, em virtude, de que seus domínios estavam distribuídos por países descontínuos pelo mundo e culturalmente heterogêneos. Contudo, a Rússia e os Estados Unidos seriam mais sólidos, por conta da dominância numérica e cultural de um povo. Para Ratzel a solução para o incipiente estado alemão, era expandir-se para o leste e o sul, já que a Áustria germânica foi vencida pela Prússia e, para o oeste onde o declínio de Napoleão II, poderia ser encarado como um agouro de decaimento. Nesse sentido a obra de Ratzel expressa em seus dois livros mais famosos *Antropogeografia* e a *Geografia Política* demonstram a grande influência que esse autor teve para o desenvolvimento da Geografia, em especial, no que diz respeito ao papel do homem explicitando o papel político da Geografia.

Friedrich Ratzel tornou-se famoso por haver dado maior ênfase ao homem na sua formulação geográfica. Vivendo na Alemanha e tendo assistido à sua unificação, sob a égide da Prússia, formulou uma concepção geográfica que correspondia aos anseios expansionistas do novo Império. Dedicando-se às ciências naturais, sobretudo à Antropologia, encarou o homem como uma espécie animal e como elemento social, tentando explicar a evolução da humanidade dentro dos postulados de Darwin. A evolução se processaria através da luta entre as várias espécies, vencendo as mais capazes na sua adaptação ao meio natural. Se isto ocorria entre as várias espécies, ocorria também entre as raças humanas e os povos, sendo selecionadas para a sobrevivência e para o mundo as mais capazes de se adaptar e de controlar o meio natural. Daí a ideia de superioridade dos europeus, povos com uma civilização mais dinâmica frente aos coloniais, ditos selvagens. Esta concepção levou os geógrafos ingleses e americanos, sobretudo, ao determinismo declarado, de vez que para eles o homem era um produto do meio [...] (ANDRADE, 1987, p.54).

Com a contribuição de Ratzel a Geografia passou a exercer uma presença mais incisiva em relação aos temas políticos e econômicos, já que pôs o homem no centro de sua análise.

Segundo Ratzel, o homem estabelece com a natureza uma relação intermediada pelo esforço de seu trabalho e de suas ordenações sociais. Por via desse esforço, conquista-se uma aparente autonomia, mas que outra coisa não é senão a própria revelação de atributos naturais da dinâmica humana. Assim, o homem, para Ratzel, não deve ser visto apenas como parte da natureza, mas como integrante e resultado de sua dinâmica evolutiva, ou, em suas palavras: “foi a partir dela que ele se constituiu, e não sem que a natureza gravasse em seu ser e da forma mais múltipla o próprio sinal” (CARVALHO, 1999, p.6).

Geografia Ensino & Pesquisa, v. 17, n.3 p.64-78, set./dez. 2013

Mormul, N.M.; Rocha, M. M.

Apesar da ênfase pautada numa concepção naturalista, isso não impediu que as teorias de Ratzel, bem como de Alfred Hettner (1858-1941) se difundissem, para ele a Geografia não seria a ciência da totalidade, e sim do estudo da superfície terrestre, entendia ainda que a Geografia não podia ser dualista, já que em cada área havia componentes físicos e humanos que formariam um só objeto. Contribuiu também acerca da definição de métodos, ou seja, o método regional que analisaria todo o complexo de características das áreas e o método geral que compararia as áreas em relação as suas especificidades.

Neste sentido, é prudente lembrar que a Geografia na França surgiu em uma época em que a Geografia na Alemanha (representada por Ratzel) legitimava o expansionismo prussiano, com vistas ao futuro Estado alemão. Portanto, era necessária uma resposta da França com o intuito de neutralizar a ideologia alemã. Assim, destaca-se Vidal de La Blache que desempenhou uma importante influência no desenvolvimento da Geografia.

A fundação da escola francesa de Geografia deve ser entendida, dentro do contexto da Terceira República, ou seja, em oposição ao determinismo geográfico alemão e das características particulares do desenvolvimento histórico francês. “É importante ressaltar que tanto a escola alemã de geografia quanto a francesa vincularam-se ao discurso dos interesses das classes dominantes de seus países, por meio do discurso científico” (MORAES, 1999, p.138).

Paul Vidal de La Blache foi um dos principais responsáveis pelo surgimento da Geografia moderna na França, deve-se a ele a definição do campo da Geografia regional, como ênfase no estudo de áreas pequenas e relativamente homogêneas. Foi o primeiro professor de Geografia da Sorbonne e planejou uma obra monumental Geografia Universal que cobria a Geografia regional em todo o mundo. Ela concebia o homem como um hóspede de diferentes pontos da superfície da Terra, e que se adaptava ao meio que vivia, criando vínculos com a natureza, e desenvolvendo habilidades que possibilitavam retirar da natureza os recursos necessários a sua sobrevivência. Ao conjunto de técnicas e hábitos, construído e perpetuado de geração a geração, La Blache denominou gênero de vida, que se resumia na relação entre homem e meio, construída historicamente e de forma diferenciada por conta da variedade de meios.

[...] Assim, ao desenvolver na França o estudo dos gêneros de vida, Vidal de La Blache, o famoso chefe da escola francesa, procurou trazer aos que exerciam poder político e econômico, a ideia de como viviam as populações atrasadas das colônias e, em consequência, facilitar o desenvolvimento de técnicas de persuasão das mesmas. Os trabalhos geográficos se transformaram em armas que facilitaríamos a penetração do capital no meio colonial, promovendo a formação de cidades e forçando as populações que viviam em um estágio comunitário a entrar na economia monetária de consumo [...] (ANDRADE, 1989, p.17).

Porém, no final do século XIX, foi desenvolvida à corrente possibilista em oposição ao determinismo ambiental, inicialmente, na França e, em seguida, na Alemanha e, finalmente, nos Estados Unidos. Não foi por eventualidade que esta corrente nasceu na França. “O possibilismo, francês em sua origem, opõe-se ao determinismo ambiental germânico. Esta oposição fundamenta-se nas diferenças entre os dois países” (CORRÊA, 1986, p. 12).

A competitividade existente entre França e Alemanha, rivalidade existente há muito tempo entre essas duas nações, acirrou-se com a perda da região francesa da Alsácia-Lorena para a Prússia durante a guerra franco-prussiana⁴. Esse fato estimulou o crescimento da Geografia na França, visto que a perda da guerra pela França foi atribuída não ao exército alemão, mas à sua Geografia.

A terceira corrente de pensamento geográfico, conhecida como método regional, como citada brevemente anteriormente, opõe-se às duas antecedentes, visto que “[...] a diferenciação

4- A Guerra Franco-Prussiana ocorreu de julho de 1870 a maio de 1871, tendo como adversários o Império Francês e o Reino da Prússia. O conflito marcou o ápice das tensões entre as duas potências após o crescente domínio da Prússia sobre a Alemanha, na época ainda uma federação de territórios quase que independentes. Esta guerra sinalizou o crescente poderio militar e o imperialismo da Alemanha.

de áreas não é vista a partir das relações entre o homem e a natureza, mas sim da integração de fenômenos heterogêneos em uma dada porção da superfície da Terra” (CORRÊA, 1986, p. 14). Portanto, esse paradigma esteve sempre vinculado ao estudo de áreas e regiões.

O método regional tem sido estudado desde o século XVII por Varenius, passando por Kant e Ritter, nos séculos XVIII e XIX, respectivamente. Apesar disso, esse método foi esquecido na passagem do século XIX para o XX, em função da disputa vigorante entre determinismo, possibilismo e racionalismo. Essa corrente de pensamento corroborava a necessidade de se produzir uma Geografia regional, isto é, um conhecimento resumido sobre as diferentes áreas do globo.

Para Hartshorne as várias partes do campo da Geografia, tais como Geografia física, Geografia política e Geografia econômica foram apontadas para o tratamento especial, isto é, diferente de como estava ocorrendo com a possibilismo e do determinismo. Fortemente influenciado pela Geografia alemã, ela considerou que a Geografia se constituiria enquanto ciência concreta desde que em primeiro lugar busca-se compreender e explicar o mundo, todavia sem desconsiderar a descrição das totalidades como um produto do conhecimento geográfico. Buscou superar os limites da escola francesa e também o determinismo geográfico.

Em relação à nova Geografia, essa corrente do pensamento geográfico apareceu em meados do século XX. O período denominado de Guerra de Fria, que corresponde em termos didáticos o período que corresponde ao final da Segunda Guerra Mundial 1945, até a queda do Muro de Berlim 1989. Esse período é marcado, pelo acirramento entre os Estados Unidos e então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Tratou-se de um momento geopolítico de muitas tensões, no qual o mundo estava dividido entre o capitalismo representado potência norte-americana e o socialismo representado pela URSS. A Guerra recebeu essa denominação porque não ocorreu uma guerra de fato. Apesar de ambas as nações estarem preparadas para isso, o que existia era um jogo de forças que predominava no campo ideológico. Período caracterizado pela intensa urbanização, industrialização e expansão de capital, gerando modificações profundas na organização espacial. Essas modificações inviabilizaram a aplicação dos três paradigmas tradicionais: determinismo, possibilismo e método regional, proporcionando o surgimento da nova Geografia, na qual se utilizava frequentemente, técnicas estatísticas e matemáticas, o emprego da geometria e de modelos normativos. Por essa razão, passou a ser conhecida como Geografia quantitativa ou teórica.

Em oposição ao pensamento da nova Geografia, emergiu, a partir da década de 70 do século XX, a Geografia crítica, corrente calcada no materialismo histórico e na dialética marxista. Suas origens remontam a fins do século XIX, quando foi proposta pelo francês Elisée Reclus, que foi e é considerado um eminente geógrafo, intelectual e um anarquista francês.

Entre nós, revolucionários, um fenômeno análogo deve realizar-se; nós também devemos conseguir compreender com perfeita retidão e sinceridade todas as ideias daqueles que combatemos; devemos fazê-las nossa, mas para dar-lhes seu verdadeiro sentido. Todos os raciocínios de nossos interlocutores, retardados pelas teorias ultrapassadas, classificam-se naturalmente em seu verdadeiro lugar, no passado, não no futuro. Eles pertencem à filosofia da história (RECLUS, 2002, p. 41).

Situação análoga, também ocorreu russo Piotr Kropotkin, também anarquistas. Viram as propostas eles defendidas serem submergida pela Geografia “oficial”, ligada aos interesses dominantes.

Contudo, com o advento da chamada Geografia crítica o espaço geográfico passa a ser concebido como fruto da ação humana, construído por meio do trabalho. Essa concepção geográfica busca romper com a compartimentação dos saberes geográficos, através de uma abordagem integrada dos conteúdos, sendo o espaço geográfico resultado da inter-relação

Geografia Ensino & Pesquisa, v. 17, n.3 p.64-78, set./dez. 2013

Mormul, N.M.; Rocha, M. M.

ISSN 2236-4994

entre os aspectos físicos e humanos, levando em consideração as transformações espaciais causadas pela ação antrópica e pelas causas naturais tanto a nível local quanto global.

Na prática a Geografia crítica, se configura como possibilidade de discussão sobre o espaço geográfico, buscando avançar para além da descrição das paisagens, considerando as relações entre espaço e sociedade.

Nesse sentido, a Geografia crítica contribuiu ao priorizar temas sociais para explicar o processo de produção e reprodução do espaço geográfico, fundamentando-se no materialismo histórico-dialético. Nessa nova dimensão da Geografia, conceitos como modos de produção, relações de produção, divisão internacional do trabalho, globalização, problemas ambientais, entre outros, foram e são usados a partir de uma análise crítica do espaço geográfico, o que de uma forma ou de outra construiu para a transformação da ciência geográfica apesar da forte influência de concepções conservadoras pautadas no chamado neopositivismo.

Considerações finais

O século XIX foi o período de criação de várias ciências, entre elas a Geografia, e em meio a uma convulsão de ideias e de mudanças significativas na forma de pensar e entender o mundo, bem como as relações humanas, é que ocorre de forma mais sistemática o conhecimento geográfico. O uso do senso comum, fortemente empregado na Geografia acabou por abordar tudo em separado, contribuindo inclusive para a divisão da Geografia. Sua compartimentação entre física e humana, colaborou para que as pesquisas na Geografia ocorressem de modo separado, retirando o homem da natureza, por um bom tempo.

É sabido que os temas referentes ao conhecimento geográfico foram por muito tempo objeto de curiosidade e investigação dos homens, o conhecimento da Terra e sua dinâmica, acompanhou o próprio desenvolvimento da humanidade. Não queremos com isso se apropriar de uma visão maniqueísta da história, ou seja, entender o desenvolvimento da história como se fosse uma máquina onde cada engrenagem se posta em seu devido lugar funcionaria perfeitamente, desde que fizessem a manutenção necessária, já que consideramos que foram as motivações humanas, somadas as suas necessidades que colaboraram para o desenvolvimento da Geografia enquanto ciência.

Sabemos que os gregos tinham domínio de uma série de conhecimentos, a necessidade de entendimento da constituição e formação do universo, bem como do planeta Terra, motivaram a criação de muitos inventos e/ou experimentos que colaboraram de forma efetiva na produção de determinados conceitos e produção de novos conhecimentos. Ao mesmo passo que os conhecimentos de caráter geográfico se ampliavam, a curiosidade em entender a dinâmica natural da Terra também se estendia. Com isso nasceram diversos estudos a respeito da dinâmica dos rios, sobre a distribuição das chuvas, as estações do ano, entre outros. Inclusive, os gregos foram os responsáveis pela divulgação do sistema planetário geocêntrico com a obra *Almagesto* datada do século II d.C.

Os conhecimentos de cunho geográfico sofreram ao longo da história, uma série de transformações resultantes do contexto em que foram produzidos. Nos fins dos séculos XIII e XIV, com o maior desenvolvimento do comércio, os burgueses que viviam nas cidades, passaram a se opor ao regime feudal, a disputa pelo poder político e a difusão de novos ideais começava a produzir movimentos contraditórios. Já que cada época produz um discurso dominante que passa a ser considerado “verdade” sobre o comportamento dos homens e a forma de entender e interpretar o mundo.

É sabido que as descobertas proporcionadas pelas grandes navegações possibilitaram a expansão do espaço geográfico, os conhecimentos acumulados permitiram que a Cartografia fosse aperfeiçoada e simultaneamente os conhecimentos sobre a Terra desenvolveram com mais profundidade, esses fatores somados a outros contribuíram para que a Idade Moderna

gestasse os precursores da chamada Geografia científica.

Frente a essa complexidade que abarca a Geografia, mesclada por elementos físicos e humanos, contudo, marcada fortemente pela dicotomia, nos propomos a começar a pensar as denominadas correntes de pensamento geográfico com elas objetivando melhor entender o desenvolvimento da Geografia, tomando como diretriz mediadora a questão do capitalismo, por consideramos que esses elementos (correntes de pensamento e capitalismo) são importantes para entendermos o desenvolvimento da ciência geográfica, ou seja, seu passado, seu presente e quiçá seu futuro.

Enfim, entendemos que é no cerne do desenvolvimento histórico-econômico-social que as relações humanas ganham expressões diferentes. Apreender a realidade dos fenômenos, suas dificuldades, seus limites e avanços, consiste em muito mais do que delinear paisagem ou elencar fatos, mas sim de contextualizar/problematizar a fim de produzir algo novo, não necessariamente melhor ou pior, mas ao menos significativo.

Acreditamos que a Geografia é um ramo do conhecimento que tem como finalidade entender o espaço geográfico, e interferir nas relações humanas, produtivas e espaciais. Com este breve panorama das correntes de pensamento, podemos perceber as conexões existentes entre a Geografia e sistema econômico predominante. Por isso não podemos deixar de elucidar que é na efervescência da história dos homens que foram tributados a Geografia seus aspectos peculiares que nós geógrafos e professores de Geografia temos a tarefa de conhecer e entender essa dinâmica para podermos agir como sujeitos conscientes e autônomos no mundo o qual pertencemos.

Referências

ANDRADE, M. C. de. **Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987.

ANDRADE, M. C. de. **Geopolítica do Brasil**. São Paulo: Ática, 1989.

ANDRADE, M. C. de. **Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1992.

ANDRADE, M. C. de. A Construção da Geografia Brasileira. **Finisterra**, XXXIV, 67-68, 1999, p.21- 30..

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CARVALHO, M. B. de. Geografia e Complexidade. **Scripta Nova. (Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales)**. Barcelona: n. 34, 1999.

CORRÊA, R. L. **Região organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

CORRÊA, R. L. Espaço: Um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná e outros (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

LEONEL, Z. **Geografia: do discurso pedagógico a uma questão anterior a qualquer discussão (crítica à ciência geográfica)**. Universidade Federal de São Carlos, 1985. (Dissertação de mestrado).

LUZURIAGA, L. **História da educação e da pedagogia**. São Paulo: Nacional, 1959.

Geografia Ensino & Pesquisa, v. 17, n.3 p.64-78, set./dez. 2013

Mormul, N.M.; Rocha, M. M.

MAGNOLI, D. **Globalização – estado nacional e espaço mundial**. São Paulo: Moderna, 1997. (Coleção Polêmica).

MORAES, A. C. R. **Geografia – Pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 2003.

MORAES, A. C. R. & COSTA, W. M. **Geografia crítica: a valorização do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1999.

MOREIRA, R. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PEREIRA, R.M.F. do A. **Da Geografia que se ensina à gênese da Geografia moderna**. Florianópolis: UFSC, 1999.

PEREIRA, R.M.F. do A. O significado da Alemanha para a gênese da geografia moderna. In: **Seminário de História da Ciência e Epistemologia**, Piracicaba – SP, 1992.

RATZEL, F. **La Terra e la Volta/ Geografia Comparativa** (Vol. I). Torino: Unione Tipografico- Editrice, 1905.

RECLUS, É. **A evolução, a revolução e o ideal anarquista**. São Paulo: Imaginário, 2002.

VLACH, V. **Geografia em debate**. Belo Horizonte: Lê, 1990.

Correspondência:

Najla Mehanna Mormul

E-mail: najlamehanna@gmail.com

Recebido em 18 de fevereiro de 2013.

Parecer emitido em 07 de março de 2013

Revisado pelo autor em 19 de março de 2013.

Aceito para publicação em 05 de abril de 2013

Geografia Ensino &
Pesquisa, v. 17, n.3 p.
64-78, set./dez. 2013

Breves considerações
acerca do pensamento
geográfico: elementos
para análise.